

Sujeitos Explícitos em Orações Infinitivas de Controlo e Elevação

Pilar P. Barbosa

Universidade do Minho/CEHUM

pbarbosa@ilch.uminho.pt

This paper discusses evidence that control and raising infinitives have overt subjects in European Portuguese as well as in the other Romance Null Subject Languages (NSLs). Drawing on previous proposals that verbal agreement morphology in the NSLs is “nominal”, it is suggested that the relation between a lexical subject “in situ” and T is invariably mediated by verbal agreement in a configuration of clitic doubling. This assumption, combined with a theory of control based on *Agree*, is argued to adequately capture the existence of subjects of control and raising infinitives in these languages as opposed to others.

1. Introdução

No quadro dos estudos em Gramática Generativa, é geralmente assumido que as construções infinitivas de controlo e elevação não possuem sujeitos nominativos com matriz fonética. Em teorias do fenómeno do Controlo mais tradicionais (Chomsky, 1995, 2001, Landau 2000, 2004), o sujeito das estruturas de controlo é PRO e o sujeito das construções de elevação é uma cópia do DP movido para a posição de sujeito da oração subordinante. Em teorias que seguem a abordagem de Hornstein (1999), PRO não existe e o sujeito das orações infinitivas de controlo e elevação é sempre uma cópia do sujeito elevado para a matriz. Independentemente da abordagem que se adopte, porém, a ideia basilar é que, em construções infinitivas (sem concordância) o Tempo é “defectivo” e, como tal, é de algum modo incompatível com um sujeito lexicalmente realizado.

Não obstante isto, num artigo recente, Szabolsci (2009) demonstrou que há línguas em que as orações completivas infinitivas em construções de elevação e/ou de controlo podem ter sujeitos expressos: são elas o húngaro, o italiano, o espanhol, o romeno, o português do Brasil, o turco, o hebraico moderno, o russo e o finlandês. Em particular, Szabolsci propõe a seguinte generalização:

- (1) Os sujeitos expressos de orações infinitivas em construções de controlo só podem ser pronomes. Os sujeitos expressos de orações infinitivas em construções de elevação podem ser pronomes ou expressões nominais não pronominais.

Szabolsci observa ainda que as línguas examinadas não revelam um comportamento homogéneo. O russo, o finlandês e possivelmente o hebraico apenas admitem sujeitos expressos em construções de elevação. O húngaro, o italiano, o espanhol, o romeno, o português do Brasil (PB) e o turco admitem sujeitos expressos tanto em construções de elevação como em construções de controlo. O quadro que emerge do artigo de Szabolsci é, assim, o seguinte:

- (2) a. *Inglês, holandês, alemão ou francês*
Não admitem qualquer tipo de sujeito expresso em construções infinitivas.
- b. *Russo, finlandês (hebraico??)*
Só admitem sujeitos expressos em construções de elevação.
- c. *Húngaro, italiano, espanhol, romeno, PB, turco*
Admitem sujeitos expressos quer em construções de controlo quer em construções de elevação.

A ocorrência de sujeitos expressos em construções de controlo e de elevação no italiano foi já observada em 1986 por Burzio, que refere uma distribuição dos sujeitos pronominais vs. não pronominais bastante semelhante à generalização em (1). Posteriormente a isso, também Torrego (1996) e Belletti (2005) abordaram o mesmo fenómeno (no espanhol e no italiano, respectivamente), mas o trabalho de Szabolsci é o único que abrange um número razoável de línguas e as agrupa em função dos padrões observados. Se colocarmos de lado o PB, língua relativamente à qual nada será dito neste artigo, verificamos que as línguas de sujeito nulo (LSN) pleno, do tipo do italiano, admitem sujeitos expressos quer em estruturas de controlo quer em estruturas de elevação. Neste artigo, proponho-me examinar o comportamento do português europeu (PE) face aos mesmos contextos e apresentar uma teoria explicativa deste fenómeno que procure captar as diferenças entre os três padrões de línguas mencionados em (2), nomeadamente a correlação aparentemente existente entre a Propriedade do Sujeito Nulo e a disponibilidade de sujeitos expressos tanto em construções de controlo como em construções de elevação, com particular incidência nas línguas românicas. Nenhuma das propostas aqui feitas se aplica ao PB, que, por estar neste momento a atravessar um processo de mudança relativamente ao Parâmetro do Sujeito Nulo, justifica, só por si, um estudo próprio.

Este artigo está organizado da seguinte forma. Na secção 2, faz-se uma breve descrição da aplicação ao PE dos testes discutidos por Szabolsci (2009) e argumenta-se que as expressões que ocorrem nas orações subordinadas infinitivas em discussão são verdadeiros sujeitos. Na secção 3, apresenta-se a análise proposta e, na secção 4, considera-se uma análise alternativa e apresentam-se as razões pelas quais a análise proposta é considerada mais adequada. O artigo conclui com uma pequena síntese das ideias fundamentais.

2. Os dados

Nesta secção introduzo os dados discutidos por Szabolsci (2009) e aplico a sua bateria de testes ao português europeu.

2.1. Construções de controlo

Considere-se, em primeiro lugar, o seguinte exemplo:

- (3) **Só ele** detesta ir ao mercado.

'Ele é a única pessoa que detesta ir ao mercado.'

A frase transcrita em (3) é sinónima de *Ele é a única pessoa que detesta ir ao mercado* e admite apenas esta interpretação. Já o exemplo (4), em que o sujeito ocorre em posição pós-verbal, pode ter duas interpretações.

(4) Detesta ir ao mercado **só ele**.

[a] 'É só ele que detesta ir a Milão.'

[b] '(Ele_i) detesta que seja o caso que vá só ele_i a Milão.'

(4) é ambígua e tem as duas leituras indicadas em [a] e [b]. No primeiro caso, o DP focalizado abrange no seu âmbito o verbo *detestar*, no segundo caso, não.

Esta dualidade de significado é facilmente explicada pelas duas possibilidades de representação estrutural da frase: o pronome focalizado pode ser o sujeito da matriz (cf. (5a)) ou então o sujeito da oração subordinada (cf. (5b)):

(5) a. [detesta [PRO ir ao mercado] **só ele**]

'É só ele que detesta ir ao mercado.'

b. [*pro* detesta [ir ao mercado **só ele**]]

'(Ele) Detesta que seja o caso que vá só ele_i ao mercado.'

A interpretação indicada em (5b), com âmbito estreito do DP focalizado, é a única leitura admissível quando consideramos exemplos como o que se transcreve a seguir, em que o sujeito pós-verbal ocorre entre a forma verbal infinitiva e o seu complemento (interessa-nos a versão de (6) em que não há pausa entre o sujeito e o complemento):

(6) Detesta ir **só ele** ao mercado.

[a] *'É só ele que detesta ir ao mercado.'

[b] 'Detesta que seja o caso que vá só ele_i ao mercado.'

A única análise possível de (6) (sem pausa entre o sujeito e o complemento) é aquela em que o pronome focalizado é o sujeito da oração subordinada (cf. (7)), facto que explica a impossibilidade da interpretação indicada em (6a).

(7) *pro* detesta [ir **só ele** ao mercado]

Compare-se agora o exemplo (4) com o que se transcreve a seguir:

(8) Detesta ir ao mercado **só o João**.

[a] 'Não é só o João que detesta ir ao mercado.'

[b] *(Ele_i) detesta que seja o caso que vá só o João_i ao mercado.'

Este exemplo é em tudo igual ao exemplo (4), com uma única diferença: o sujeito não é um pronome, mas um nome próprio. Curiosamente, a leitura com âmbito estreito desaparece neste caso e o sujeito pode apenas ser interpretado como sujeito da matriz. A leitura com âmbito largo do DP modificado pelo operador de foco, que passamos a designar de "leitura alta", é a que corresponde à representação em (9a). A leitura em que o referido DP tem um âmbito circunscrito à oração subordinada, aqui designada "leitura baixa", corresponde à estrutura representada em (9b). Esta configuração, porém, constitui uma violação da Condição C da teoria da ligação, o que explica a não ambiguidade do exemplo (8) face à ambiguidade do exemplo (4).

(9) a. [detesta [PRO ir ao mercado] **só o João**]

b. **pro*_i detesta [ir ao mercado **só o João**_i] **Violação da Condição C**

Esta explicação do contraste entre nomes e pronomes só funciona se o DP que contém o operador de foco está numa posição baixa, no interior da oração infinitiva.

Convém desde já sublinhar que estes factos não estão relacionados com o fenómeno da reestruturação (cf. Rizzi 1978). Como se sabe, os verbos de reestruturação admitem a subida do clítico (cf. *Quero vê-la / Quero-a ver*). Adoptando este critério, podemos concluir que *detestar* não cumpre os requisitos necessários para ser considerado um verbo de reestruturação:

- (10) a. Não detestei vê-lo.
- b. *Não o detestei ver.

Do mesmo modo, não é possível recorrer à ideia de que a oração subordinada, nestes casos, não é uma projecção de CP (cf. Costa (2004, Alexiadou et al. 2008)), visto que é possível encontrar sujeitos pronominais controlados em orações infinitivas introduzidas por um complementador visível. É o caso dos exemplos (11) e (12), do PE e do Espanhol, respectivamente, e ainda dos exemplos do italiano (13) e (14) mencionados em Belletti (2005):

- (11) Não sabemos [se assinar **só nós** a carta ou não].
- (12) *Espanhol* (Torrego 1996)
No sabemos [si firmar **nosotros** la carta].
- (13) *Italiano* [Belletti (2005)]
a. Gianni pensa [di parlare **lui** di questo problema].
b. *Pensa [di parlare **Gianni** di questo problema].
- (14) *Italiano* [Belletti (2005)]
Maria mi ha chiesto [di parlare **io** com Gianni].
'A Maria pediu-me para falar eu com o João'.

Em síntese, em construções de controlo obrigatório, as orações infinitivas podem ter o que parecem ser sujeitos explícitos, os quais têm forçosamente de ser controlados. A seguir, apresento os diversos tipos de sujeitos que podem ocorrer nestes contextos:

(i) *Pronomes simples ou modificados por operadores de foco*

- (12) a. Odeiam ter de falar **eles** com o Rui.
- b. Odeiam ter de falar com o Rui **só eles / também eles / apenas eles**.

(ii) *Quantificadores partitivos*

- (13) Pensamos falar **alguns de nós / vários de nós / muitos de nós** com ela.

(iii) *Certo tipo de nomes colectivos* (Torrego (1996))

Torrego (1996) observa que certo tipo de nomes colectivos podem ocorrer nestes contextos em construção com a flexão de primeira pessoa do plural no verbo da oração principal:

- (14) Não sabemos como falar com ela **a turma toda / o grupo todo**.

2.2. Construções de elevação

Szabolsci (2009) nota que, em construções de elevação, se perde a distinção entre pronomes e expressões-r(eferenciais) mencionada acima a propósito das construções de

controlo. Assim, os exemplos que se seguem admitem a leitura baixa do pronome ou do DP modificado pelo operador de foco.

- (16) a. Não pareço cantar **só eu** nesta gravação.
'Não parece ser o caso que só eu cante nesta gravação'
b. Não parece cantar **só o João** nesta gravação.
'Não parece ser o caso que só o João cante nesta gravação'
- (17) *Italiano*
a. Non sembro cantare **solo io** su questo nastro.
'Não parece ser o caso que só eu cante nesta gravação'
b. Non sembra cantare **solo Gianni** su questo nastro.
'Não parece ser o caso que só o João cante nesta gravação'

Uma vez que, com o verbo *parecer*, não é fácil distinguir as diferentes interpretações associadas aos diferentes âmbitos, Szabolsci usa exemplos com o verbo *começar* e apresenta cenários que distinguem de forma clara cada uma das leituras. Não vamos rever aqui essa discussão e remetemos o leitor interessado para o artigo citado.

O facto de os exemplos em (16) e (17) admitirem a leitura baixa da expressão focalizada é importante porque sugere que estes não são casos de *backward control* ou *backward raising* (Hornstein 1999, Polinsky & Potsdam 2002), isto é, não podem ser analisados em termos de movimento do sujeito para a matriz seguido de *Spell Out* do cópia (para uma discussão de uma alternativa ligeiramente diferente desta que mantém a ideia de *backward control*, consultar Alexiadou et al. 2008).

Para além disso, uma análise destes casos em termos de *backward control/raising* deixa por explicar o contraste que se verifica entre as construções de elevação e as de controlo no que respeita ao tipo de sujeitos que admitem. Recorde-se que, com os verbos de controlo, apenas os sujeitos pronominais são compatíveis com a leitura baixa. Com as construções de elevação, qualquer tipo de sujeito é admitido (cf. (4) vs. (8)). Na secção anterior, atribuímos a impossibilidade da leitura indicada em (8b) a uma violação da Condição C da teoria da ligação. Esta explicação, porém, perde-se numa análise baseada em movimento e *backward control*. Assumindo uma análise deste tipo, a única explicação possível para as diferenças entre as construções de controlo e de elevação consiste em estipular que, com verbos de controlo, a cópia do DP movido tem de ser um pronome; com os verbos de elevação, tanto pode ser um pronome como uma expressão-R. Esta estipulação parece-nos demasiado *ad hoc*, pelo que não adoptaremos aqui uma teoria do controlo obrigatório baseada no movimento.

2.3. Sujeitos múltiplos

Tanto os casos de controlo como os casos de elevação podem conter mais do que um sujeito explícito. A seguir, transcrevem-se exemplos do PE e do Italiano com verbos de controlo e de elevação:

- (18) PE:
a. **Só o João** odiou resolver **só ele** o problema.
b. **O João** começou a responder **ele** antes que outros o fizessem.

- (19) *Italiano*
- a. **Solo Gianni** vuole andare **solo lui** a scuola. [Szabolsci 2009]
 - b. **Gianni** ha cominciato a ricevere regali **solo lui**. [Szabolsci 2009]
 - c. **I ragazzi** risultarono aver riposto **loro** alla domanda. [Belletti 2005]

Face a estes exemplos, poder-se-á colocar a hipótese de que os pronomes da subordinada não são verdadeiros sujeitos, mas sim adjuntos anafóricos. Na secção seguinte, argumentamos que esta hipótese não está correcta e que os pronomes em negrito em (18) e (19) são todos verdadeiros sujeitos.

2.4. Evidência de que as expressões em causa são verdadeiros sujeitos

Em primeiro lugar, observamos que todas as expressões que surgem nestas construções infinitivas podem ocorrer naturalmente enquanto sujeitos pós-verbais em construções mono-oracionais:

- (20) Falámos nós / só nós/ só nós os dois / alguns de nós / a turma inteira com ele.

Em segundo lugar, tal como observa Szabolsci (2009) para o italiano, os pronomes em causa podem ocorrer com um adjunto adnominal, o que sugere que não são eles próprios adjuntos:

- (21) Queremos ir ao mercado [só nós linguistas].
[a] 'Queremos que seja o caso que só nós linguistas vamos ao mercado.'
[b] 'Só nós linguistas queremos ir ao mercado.'

Todos os pronomes mencionados em (20) podem co-ocorrer com um sujeito pré-verbal explícito em construções mono-oracionais, razão pela qual têm sido apelidados de pronomes enfáticos (cf. Burzio 1986); o sujeito pré-verbal pode ser uma expressão lexical ou mesmo um pronome:

- (22) a. A Teresa / ela escreveu **só ela** / **até ela** o poema.
b. A Teresa / ela escreveu **ela** o poema (ninguém a ajudou).
'Foi a Teresa / ela que escreveu o poema (ninguém a ajudou)'
c. A Teresa / ela escreveu o poema **ELA**, ninguém a ajudou.
'Foi a Teresa / ela que escreveu o poema (ninguém a ajudou)'

- (23) *Italiano (Belletti 2005)*

- a. Gianni verrà **lui**.
- b. Lui verrà **lui**.

- (24) *Espanhol (Sanchez 1993)*

- Pedro abrió la puerta **EL**.

Para muitos autores, os pronomes enfáticos não são verdadeiros sujeitos e sim adjuntos anafóricos (Piera 1987), ou a realização fonética de um vestígio (Burzio 1986). Rigau (1987), Sola (1992), Barbosa (1995) e Belletti (2005), porém, defendem que eles são sujeitos pós-verbais. No que se segue, apresento alguns dos argumentos de Barbosa (1995).

A ideia de que estes pronomes são adjuntos (semelhantes à anáfora complexa do inglês *himself*) enfrenta o problema de eles não terem exactamente as mesmas propriedades das anáforas complexas. Em primeiro lugar, não são admitidos enquanto

adjuntos de um DP, contrariamente ao que sucede com a anáfora complexa exemplificada em 26).

- (26) a. *Apareceu a presidente ELA / só ela.
b. *Falei com a presidente ELA / só ela.
(27) a. Apareceu a presidente ela própria.
b. Falei com a presidente ela própria.

Em segundo lugar, os pronomes enfáticos diferem da anáfora complexa por serem orientados para o sujeito:

- (28) a. [O rapaz]_i foi apresentado ao presidente_k ELE_{i/*k} / só ele_{i/*k}
b. [O rapaz]_i foi apresentado_k ao presidente ele próprio_{i/k}

Estas duas propriedades tornam a ideia da adjunção pouco plausível. Por outro lado, os pronomes enfáticos têm exactamente a mesma distribuição e interpretação dos sujeitos pronominais pós-verbais. Assim, a par de (22b,c), encontramos (29a,b), em que o sujeito pronominal em posição pós-verbal é interpretado exactamente do mesmo modo que o pronome enfático: tanto em (29a,b) como em (22b,c) se obtém uma leitura de foco exclusivo do pronome, parafraseável por meio de uma construção clivada, como indicado nas glosas.

- (29) a. Escreveu **ela** o poema (ninguém a ajudou).
b. Escreveu o poema **ELA** (ninguém a ajudou).
'Foi ela que escreveu o poema (ninguém a ajudou).'

Tal como sucede em (22b,c), o pronome pode preceder ou seguir o objecto directo, sendo que, no último caso, necessita de receber preso prosódico adicional (cf. (22c), (29b)).

Neste artigo, assumo a análise da ordem VSO/VOS proposta em Ordonez (1997) para o espanhol, Costa (1998) para o português e Cardinaletti (1998) para o italiano, segundo a qual os sujeitos pós-verbais ocupam, em ambas as ordens, a posição em que são gerados na base, no interior do SV, sendo que o verbo sobe para T; a ordem VOS é derivada mediante subida do objecto. Deste modo (29a) é analisada como indicado em (30a) e (29b) é analisada como indicado em (30b)

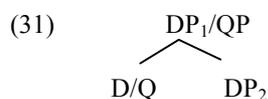
- (30) a. [_{IP} escreveu [_{VP} ela ~~escreveu~~ o poema]]
b. [_{IP} escreveu [o poema [_{VP} ela ~~escreveu~~ o poema]]]

Em (30b) o pronome é o elemento mais encaixado. Daí que receba o acento nuclear da frase pela Nuclear Stress Rule (cf. Cinque 1993), facto que pode explicar a intuição de que o pronome nessa posição necessita de receber um peso prosódico adicional. Uma vez que os sujeitos pronominais pós-verbais têm as mesmas propriedades distribucionais e interpretativas dos pronomes enfáticos, é legítimo concluir que estes pronomes são sujeitos pós-verbais e não adjuntos.

Face a esta conclusão, há três tipos de abordagem possíveis das construções de “duplo sujeito” exemplificadas em (22-24):

- a) o pronome enfático é a realização fonética do vestígio do sujeito movido para a posição pré-verbal (Burzio 1986);
b) o pronome enfático e o sujeito pré-verbal formam um constituinte sintáctico único, um DP “grande” do tipo proposto por Torrego (1995), Uriagereka

(1995), Cecchetto (2000) para dar conta das construções de redobro clítico das línguas românicas (cf. (31); uma parte do DP (ou do QP, se se tratar de uma sintagma quantificacional), DP₂, (que pode ser um DP lexical, *pro*, ou *PRO*) move-se para a posição pré-verbal e a restante parte, formada pelo pronome enfático (D) ou por um quantificador (como *alguns* ou *vários*, etc.), permanece na periferia direita da oração; esta é a proposta de Belletti (2005):



(32) [[_{DP2} **A Teresa / ela**] [_T escreveu [_{VP} [_{DP1} **ela** [_{DP2} ~~A Teresa / ela~~]]] o poema]]

- c) o DP em posição pré-verbal não é o sujeito temático e é antes um tópico em Deslocação à Esquerda (doravante, DE) redobrado pelo sujeito pronominal expresso em posição pós-verbal (Rigau 1987, Sola 1992, Barbosa 1995) (na representação que se segue assumimos que os tópicos em DE são gerados na base na periferia esquerda da oração):

(33) DP_k [_{TP} V/v [... **Pronome sujeito**_k ...]

(34) [**A Teresa / ela**]_i [_{TP} escreveu [_{VP} **ela**_i [_V ~~escreveu~~ o poema]]]]

Uma forma simples de testar a hipótese c) consiste em ver se estas construções de “duplo sujeito” são compatíveis com expressões quantificadas não referenciais. Como se sabe, os quantificadores negativos não podem ocorrer em DE (cf. (40b e (41b)):

(35) a. Esse livro comprei-o ontem.

b. *Nada comprei-o ontem

(36) a. Pierre il aime la musique.

b. *Personne il aime la musique.

Deste modo, a hipótese c) prevê que um quantificador negativo seja incompatível com um pronome enfático numa construção mono-oracional, e, com efeito, esta previsão é confirmada. O exemplo (37) é construído e ajuizado por mim, mas a agramaticalidade de exemplos semelhantes em outras línguas é mencionada já por outros autores, incluindo Szabolsci (2009) e Belletti (2005):

(37) *Nenhuma criança escreveu ela o poema.

(38) Szabolsci (2007)

Contexto: O professor trabalhou, e ...

a. Gianni ha lavorato anche lui.

‘O João trabalhou também ele’.

b. *Ogni ragazzo ha lavorato anche lui

todo rapaz trabalhou também ele

(39) Belletti (2005)

*?Nessuno verrà lui.

Uma vez que estes quantificadores não podem ser gerados na base como tópicos

em DE, não há lugar para o pronome enfático na estrutura da frase:

(40) [~~Nenhuma criança~~ escreveu [_{VP} ~~nenhuma criança~~ escreveu o poema]]

Estes dados constituem um forte argumento em favor da hipótese (c) e um problema para as hipóteses (a) e (b). Se o pronome enfático é a realização fonética de um vestígio, não se percebe por que razão esta opção é bloqueada com um quantificador negativo. Na perspectiva de que o pronome enfático e o DP pré-verbal formam um DP “grande”, também não há uma explicação óbvia para que tal DP não possa conter um quantificador negativo, uma vez que sabemos que, em línguas que admitem construções de redobro clítico — para as quais a ideia do DP “grande” foi inicialmente construída —, os quantificadores negativos podem ocorrer neste tipo de construção de redobro¹:

(41) *Espanhol (Torrego 1998)*

No le ablé a nadie.

Em face destes dados, concluímos que os pronomes enfáticos são genuínos sujeitos pós-verbais. Dadas as afinidades entre os pronomes enfáticos e os pronomes que ocorrem nas orações subordinadas infinitivas de controlo e elevação, concluímos que também estes são verdadeiros sujeitos das orações infinitivas.

3. Análise

3.1 Introdução

No seu artigo, Szabolsci (2007) aplica os testes acima descritos a uma série de línguas e observa a existência de três padrões distintos:

1. Línguas que não admitem sujeitos expressos nem em construções de controlo nem em construções de elevação; é o caso do inglês, alemão e francês.
2. Línguas que admitem sujeitos expressos quer em construções de elevação quer em construções de controlo; o caso do húngaro, italiano, espanhol, romeno, turco, português do Brasil e, acrescentamos nós, português europeu.
3. Línguas que admitem sujeitos expressos apenas em construções de elevação, como o russo, o finlandês e possivelmente o hebraico.

Szabolsci observa que as línguas que caem no Padrão 1 são línguas sem sujeitos nulos, sendo que todas as outras admitem algum tipo de sujeito nulo (o finlandês é uma língua *pro-drop* parcial e o russo admite a não realização dos sujeitos expletivos). Por outro lado, verificamos que as LSN pleno estudadas por Szabolsci estão todas incluídas no padrão 3. No quadro das línguas que obedecem a este padrão, a única exceção é o PB, que tem vindo progressivamente a deixar de ser uma LSN pleno e se aproxima mais do finlandês. Porém, colocando de lado o PB, que, por estar em processo de mudança, necessitaria de um estudo mais aprofundado, que não cabe neste artigo, não deixa de ser verdade que todas as LSN pleno estudadas por Szabolsci obedecem ao padrão 3 e é essa

¹ É certo que esta compatibilidade com expressões não referenciais ocorre apenas nas construções de redobro

a correlação que pretendo explorar aqui (note-se que a correlação não funciona no sentido inverso: nem todas as línguas que admitem sujeitos de infinitivos são línguas de SN pleno, como é o caso do PB). Nesta secção, começo por apresentar as minhas assunções acerca das propriedades sintácticas que caracterizam as LSN pleno. Depois, mostro como estas assunções, associadas à teoria do controlo proposta em Landau (2000, 2004), captam os três padrões de línguas acima descritos.

3.2. Teoria geral da Propriedade do Sujeito Nulo

Barbosa 1995, Pollock 1997, Alexiadou and Anagnostopoulou 1998, Kato 1999, entre outros, propuseram que, nas LSN pleno, o afixo da concordância verbal é [+D/N], isto é, tem o comportamento de uma categoria pronominal fonologicamente expressa como um afixo no verbo elevado para T, sendo portanto capaz de “verificar” o EPP e de atribuir um valor aos traços- ϕ de T. Por consequência, os sujeitos (expressos ou nulos) não se elevam para Spec-TP, o que resulta na tradicionalmente designada “inversão livre”:

(42) [[T [V+Agr]] [V/VP *sujeito*]]

Um exemplo como (43a) é, assim, analisado como indicado em (43b). O afixo de concordância verbal verifica o EPP e o sujeito permanece *in situ* (para mais detalhes sobre a proposta consultar as referências dadas acima):

(43) a. Telefonou a Maria
b. [[T telefonou] [vP a Maria]]

O exemplo (44), em que o sujeito é nulo, é analisado como em (44b), que mais não é do que a configuração tradicionalmente associada à relação estabelecida entre um clítico pronominal e a posição temática a que está associado:

(44) a. Telefonaram
b. [[T telefonar-**am**_i] [vP *pro*_i]]

Neste quadro, as construções SVO são instanciações de mecanismos de anteposição de argumentos independentemente atestados. Um deles é a Deslocação à Esquerda Clítica (DEC), em que o DP em posição pré-verbal é gerado na base numa posição de adjunção ao núcleo oracional que dele é predicado, e é redobrado por *pro* em posição argumental. Deste modo, o exemplo (45a) é analisado como ilustrado em (45b):

(45) a. A Maria telefonou.
b. [[A Maria_i] [TP telefonou [*pro*_i]]]

Em (45b), o DP *a Maria* é legitimado por “regras de predicação” na acepção de Chomsky 1977 (cf. também Raposo 1996). TP contém uma posição “aberta” (*pro*, uma categoria pronominal sem referência independente) satisfeita pela entidade referida pelo DP em DEC.

Para além da estrutura exemplificada em (45b), a ordem SVO pode também ser derivada por movimento A-barrá (ou de Foco, em algumas análises (cf. Martins 1994, Raposo 1994)) do sujeito directamente a partir da posição pós-verbal, tal como se ilustra a seguir:

(46) [*QP* ... [T [I V ~~*QP*~~ ...]]]

Em Barbosa (1995) argumentei que as expressões quantificadas que não podem estar deslocadas tais como quantificadores nús, quantificadores indefinidos não específicos e operadores afectivos (no sentido de Klima (1964)) são extraídas por movimento A-barra sempre que precedem o verbo. Assim, o exemplo do português que se segue será analisado como em (47b) (em que FP significa “Projecção Funcional”; não entraremos aqui nos detalhes da posição de chegada deste tipo de movimento e remetemos o leitor interessado para Barbosa (2001)):

- (47) a. Alguém telefonou.
 b. [FP *alguém* ... [T' [telefonou] [VP ~~*alguém*~~ ...]]

Uma vez que esta análise assume que a posição temática do sujeito nas LSN pleno é pós-verbal, prevê que as construções de DE com redobro por um pronome com realização lexical, a existirem, envolvam um pronome em posição pós-verbal. E, com efeito, esta previsão é confirmada. Como vimos na secção anterior, as construções com pronomes enfáticos são incompatíveis com expressões quantificadas não referenciais, o que sugere que são casos de DE com redobro pelo pronome em posição pós-verbal.

- (48) [A Teresa] [TP escreveu **ela** o poema]

No quadro desta análise, as frases com redobro por um pronome em posição pré-verbal (cf. 49) são analisadas como exemplificado em (49b), isto é, envolvem necessariamente dois tópicos em DEC:

- (49) a. A Teresa, **ela** escreveu o poema.
 b. [A Teresa]_i [*ela*]_i [TP escreveu *pro*_i o poema]
 | |
 Tópico Tópico

É sabido que nada impede a existência de tópicos múltiplos numa frase (cf. *Esses livros, à Maria, não os dou*); portanto, não se prevê que (49a) seja agramatical, embora se preveja que seja redundante e que este tipo de configuração seja pouco produtiva. E, com efeito, as construções de redobro com um sujeito pronominal em posição pré-verbal são extremamente raras nas LSN contrariamente ao que sucede, por exemplo, em francês e no PB coloquial (cf. Duarte 1993), em que são bastante frequentes. Em contrapartida, as construções do tipo exemplificado em (48), com redobro por um pronome em posição pós-verbal, são bastante produtivas nas LSN.

Um outro facto que encontra explicação imediata no quadro da análise apresentada, é que, nas orações infinitivas (sem flexão) discutidas nas secções anteriores, a posição do sujeito é sempre pós-verbal (cf. (50a,b). Esta observação é já feita por Torrego, que menciona os exemplos em (50) e (51):

- (50) a. Não sabemos como assinar **nós os dois** a carta.
 b. *Não sabemos como **nós os dois** assinar a carta.
 (51) *Espanhol (Torrego 1996)*
 a. No sabemos si asistir **algunos de nosotros**.
 b. No sabemos si asistir **todos los linguistas**.
 c. No sabemos si asistir **los linguistas**.
 (52) a. *No sabemos si **algunos de nosotros** asistir.
 b. *No sabemos si **todos los linguistas** asistir
 c. *No sabemos si **los linguistas** asistir.

Este padrão é o previsto pela análise acima descrita, uma vez que, nesta teoria, a posição pré-verbal exigiria uma configuração de DEC com *pro* no interior da infinitiva; porém, *pro* não é uma possibilidade nestes casos dada a ausência de traços de concordância na flexão verbal. Deste modo, prevê-se que, em orações infinitivas (sem concordância), apenas seja atestada a ordem VS².

Curiosamente, Torrego 1996 observa que este tipo de construções admitem que o sujeito seja um Sintagma-*Qu* em Spec-CP (compare-se (59) com (58a-c):

(53) *Espanhol* (Torrego 1996)

[Muchos de nosotros] no sabemos **quantos** firmar la carta.

No quadro da teoria aqui descrita, este facto também é previsto, uma vez a extracção procede directamente a partir da posição posição pós-verbal, que é, como vimos, a posição-A dos sujeitos, nesta teoria (cf. Barbosa 1995):

(54) Muchos de nosotros no sabemos [_{CP} quantos [firmar [_{VP} **quantos** la carta]]]

Apesar de a teoria acima proposta captar a posição ocupada pelos sujeitos expressos das orações infinitivas nas LSN, a questão que se coloca agora é saber por que razão estas línguas admitem a ocorrência de sujeitos em construções de controlo ou de elevação, contrariamente ao que sucede em outras línguas, como o inglês, o francês ou o alemão. Esta questão será discutida na secção seguinte.

3.2. Proposta

Os estudos de Belletti (2005) e Torrego (1996) convergem em torno da ideia de que os sujeitos expressos das orações infinitivas de controlo e elevação estão numa configuração de Redobro Clítico (*Clitic Doubling*). Esta será também a abordagem por nós proposta, embora os detalhes da análise sejam substancialmente diferentes.

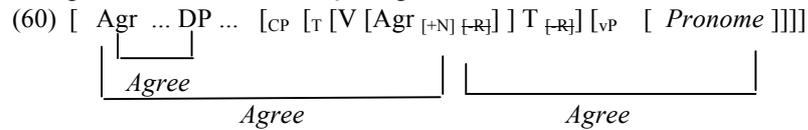
Recorde-se que, de acordo com a teoria da Propriedade do Sujeito Nulo pleno apresentada na secção anterior, o afixo de concordância verbal tem o comportamento de um clítico pronominal, sendo capaz de verificar o traço EPP em T bem como os traços- ϕ de T. Afirmámos acima que esta é a razão pela qual um sujeito lexical gerado no interior de v/VP não sobe para Spec, TP, mas não fomos muito claros relativamente à relação existente entre o sujeito lexical e o afixo de concordância. Alexiadou e Anagnostopoulou (2001) defendem que a ordem VS corresponde a uma configuração de redobro clítico apenas em espanhol e grego. Aqui, quero sugerir que os dados das orações infinitivas de controlo e elevação indicam que a configuração de redobro clítico é mais generalizada e se estende a (pelo menos) todas as línguas românicas de sujeito nulo. Em particular, sugiro que as estruturas com sujeitos em posição pós-verbal nas línguas românicas de sujeito nulo deverão ser analisadas da mesma forma que as construções de redobro do clítico dativo em espanhol, que exemplifico a seguir:

(55) Juan le visitó al chico.

Como vimos, estas construções de redobro podem ocorrer com todo o tipo de expressões, incluindo quantificadores negativos, portanto não considero que o DP

² Em Húngaro, o sujeito da oração infinitiva pode ocorrer em posição pré-verbal, mas trata-se de uma posição de Foco ocupada também por objectos focalizados (cf. Szabolsci (2009)).

modo, está activo para actuar como alvo e estabelecer uma relação de AGREE com os traços-*phi* de T ou *v* da matriz recebendo assim um valor para os seus próprios traços-*phi* e verificando os traços não interpretáveis de T encaixado. Desta forma, um pronome *in situ* é legitimado mediante a relação Agree estabelecida com o afixo verbal.



Em línguas em que a concordância verbal não é nominal, porém, o sujeito de uma oração infinitiva de controlo obrigatório só pode ser ele próprio [-R] (e portanto PRO) dado que tem de verificar directamente o traço [-R] em T. Esta situação abrange o finlandês, o russo, o inglês, o francês, o alemão, etc. Dito por outras palavras, o que permite que o pronome sujeito possa ocorrer em construções de controlo nestas línguas, por oposição às restantes, é o facto de este não estabelecer uma relação directa com T nas LSN.

Note-se que, nesta abordagem, a ocorrência de um pronome explícito numa construção de controlo é apenas uma opção dado que nada impede PRO de ocorrer como sujeito da oração subordinada numa configuração como (60).

A representação sugerida em (60) prevê que, neste tipo de configuração, e contrariamente ao que sucede nas construções de elevação, sejam atestadas construções com mais do que um sujeito explícito com expressões não referenciais, uma vez que a oração superior contém uma posição temática para o sujeito não referencial (que corresponderá ao DP mais alto em (60)). Com efeito, esta previsão é confirmada:

(61) Estou certa de que [nenhum hóspede decidirá [fazer **ele** o pequeno almoço todos os dias]].

Em (61), o QP *nenhum hóspede* é o sujeito de *esperar*, o qual, na nossa perspectiva, se move para a posição pré-verbal por movimento A-barra. O pronome é então interpretado como uma variável ligada:

(62) [[nenhum hóspede]_i decidirá [[~~nenhum hóspede~~]_i decidirá [fazer ele_i o pequeno almoço]]]

Esta situação difere dos casos de elevação, em que a presença dos dois sujeitos é impossível quando o primeiro é uma expressão não referencial quantificada (cf. (59b)). Este contraste entre as construções de elevação e de controlo é, na nossa opinião, um forte argumento em favor da análise aqui proposta, em termos da noção de *Agree*, e um problema para as teorias do controlo baseadas no movimento.

Recorde-se que, nestes casos, o sujeito da oração infinitiva não pode ser uma expressão-R, restrição que atribuímos a uma violação da Condição C da teoria da Ligação. Ao reinterpretarmos este fenómeno em termos da relação *Agree*, estamos a adoptar a ideia de que, numa estrutura de controlo, o sujeito da oração subordinada é forçosamente co-indexado com o antecedente na matriz podendo apenas ser interpretado na Forma Lógica como uma variável ligada (assumimos aqui a abordagem à teoria da ligação de Grodzinsky and Reinhart 1993): no caso de o sujeito ser uma

expressão-R, tal coindexação seria ininterpretável uma vez que uma expressão-R não pode ser interpretada como variável ligada

Note-se ainda que um dos corolários da proposta de Landau (2004) é que as orações infinitivas não são fases fortes. A abordagem aqui proposta herda essa consequência.

4. Conclusões

Os dados discutidos neste artigo sugerem que, em PE, as orações infinitivas de controlo e elevação podem ter sujeitos expressos de acordo com a seguinte generalização:

(63) Os sujeitos expressos de orações infinitivas em construções de controlo têm de ser pronomes. Os sujeitos expressos de orações infinitivas em construções de elevação podem ser pronomes ou expressões nominais não pronominais.

(63) é a generalização proposta no estudo de Szabolsci (2009), que abrange uma série de línguas como o húngaro, o italiano, o espanhol, o romeno, o PB, o turco, o hebraico moderno, o russo e o finlandês. Szabolsci observa que estas línguas diferem do inglês, holandês, alemão ou francês, que não admitem qualquer tipo de sujeito expresso em construções infinitivas. No caso do primeiro grupo de línguas, há uma subdivisão: o finlandês, o russo e (provavelmente) o hebraico moderno só admitem sujeitos expressos em construções de elevação. As restantes línguas evidenciam sujeitos expressos também em construções de controlo, de acordo com o padrão descrito em (63). Se colocarmos de lado o PB, que, por estar a atravessar um processo de mudança, exige um estudo à parte, todas as LSN pleno estudadas por Szabolsci (do tipo do italiano ou do PE) admitem sujeitos expressos tanto em construções de controlo como em construções de elevação. As línguas de *pro-drop* parcial, como o russo e o finlandês e (possivelmente) o hebraico admitem sujeitos expressos apenas em construções de elevação.

Neste artigo, apresentámos uma teoria explicativa deste fenómeno que procura captar a associação existente entre a Propriedade do Sujeito Nulo e a ocorrência de sujeitos expressos em construções de controlo e elevação. Em particular, defendemos que este fenómeno se relaciona com as propriedades “nominais” do afixo de concordância verbal. Sendo [+N/D], é o próprio afixo verbal que verifica os traços formais de T mediante subida de V para T, o que tem a consequência de que a relação entre T e o sujeito argumental é invariavelmente mediada pelo afixo de concordância verbal, numa configuração de “clitic doubling”. Defendemos que esta assunção, associada a uma teoria do controlo baseada na relação *Agree*, como a de Landau (2000, 2004), capta adequadamente a ocorrência de sujeitos de orações infinitivas nestas línguas quer em construções de controlo quer em construções de elevação.

A ocorrência de sujeitos *in situ* com concordância à distância em línguas *pro-drop* parcial como o Russo ou o Finlandês explica a possibilidade de os sujeitos expressos poderem ocorrer no interior de orações infinitivas em construções de elevação. Concluimos assim que, a ser correcta, esta análise reforça as teorias do controlo baseadas na operação *Agree*.

Referências

- Alexiadou, Artemis & Elena Anagnostopoulou (1998), Parametrizing AGR: Word Order, V-Movement and EPP-Checking, *NLLT* 16, pp. 491-539.
- Alexiadou, A. & Anagnostopoulou, E. (2001) The subject *in situ* generalization, and the role of Case in driving computations, *Linguistic Inquiry*, 32, 193-231.
- Alexiadou, A., Anagnostopoulou, E, Iordachioaia, G. & Marchis, M. (2008), ‘A stronger argument for backward control’, talk presented at NELS 39, Cornell University, November 2008.
- Bailyn, J. F. (2004) Generalized Inversion. *Natural Language and Linguistic Theory* 22, 1-49.
- Barbosa, Pilar (1995) *Null Subjects*, Ph.D. dissertation, MIT, MITWPL, Cambridge, Mass.
- Barbosa, P. (2001) On inversion in *wh*-questions in Romance. *Romance Inversion*, ed. A. Hulk e J.-Y. Pollock, 20-90. New York: Oxford Press.
- Belletti, Adriana (2005) Extended doubling on the VP periphery. *Probus* 17-1: 1-35.
- Borer, Hagit (1989) Anaphoric AGR, in Osvaldo Jaeggli and Kenneth J. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*, Kluwer Academic Publishers, pp. 69-109.
- Burzio, Luigi (1986) *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel.
- Cardinaletti, Anna (1998) A second thought on *emarginazioni*: destressing vs. ‘right dislocation.’ *University of Venice Working Papers in Linguistics* 8.2., 1-28.
- Chomsky, Noam (1977) On *wh*-Movement. In *Formal Syntax* (P. Culicover, T. Wasos and A. Akmajian, editors), pp. 71-132. New-York: Academic Press.
- Chomsky, Noam 1995. *The Minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, Noam (2001) Derivation by phase. *Ken Hale: A Life in Language*, ed. M. Kenstowicz, 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, Noam (2008). On Phases. *Foundational issues in linguistic theory*, ed. R. Freidin, C. P. Otero & M.L. Zubizarreta. Cambridge, MA: MIT Press.
- Cecchetto, Carlo (2000). Doubling structures and reconstruction. *Probus* 12: 93-126.
- Cinque, Guglielmo (1993). A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry* 24:239-267.
- Costa, João (1998) *Word order variation. A constraint-based approach*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Costa, João. (2004) Subjects in Spec,vP: locality and agree. In A. Castro, A., M. Ferreira, V. Hacquard & A. Salanova (orgs.) *Romance Syntax*, MIT Working Papers in Linguistics 46.
- Duarte, M. E. L. (1995) *A perda do princípio “ Evite pronome” no Português Brasileiro*. UNICAMP. Ph.D. diss.
- Grodzinsky, Yusef & Tanya Reinhart (1993) The Innateness of Binding and Coreference. *Linguistic Inquiry* 24: 69-101.
- Holmberg, Anders (2005) Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry* 36: 533-564.
- Hornstein, Norbert (1999) Movement and control. *Linguistic Inquiry* 30. 69-96.

- Landau, Idan (2000) *Elements of control: structure and meaning in infinitival constructions*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Landau, Idan (2004). The scale of finiteness and the calculus of control. *Natural Language and Linguistic Theory* 22: 811-877.
- Kato, Mary (1999) Strong and weak pronominals in the Null Subject Parameter. *Probus* 11, pp. 1-37, The Netherlands, Walter de Gruyter.
- Martins, Ana Maria (1994) *Clíticos na História do Português*. Ph.D. dissertation, University of Lisbon.
- Ordóñez, F. (1998) Post-verbal asymmetries in Spanish. *NLLT* 16:313-346.
- Piera, C. (1987) Sobre la estructura de las cláusulas de infinitivo. In V. Demonte & M. Lagunilla (orgs.) *Sintaxis de las Lenguas Románicas*. Madrid: Ediciones El Arquero: 148-163.
- Polinsky, Maria & Eric Potsdam (2002) Backward control. *Linguistic Inquiry* 33: 245–282.
- Pollock, J.Y. (1997) *Langage et Cognition: Introduction au Programme Minimaliste de la Grammaire Générative*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Raposo, Eduardo (1994) Affective operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish. Unpublished ms., University of California at Santa Barbara, California.
- Reinhart, Tania & Reuland, Eric (1993) Reflexivity, *Linguistic Inquiry*, 24, 657-72.
- Rigau, Gemma (1987) Sobre el carácter cuantificador de los pronombres tónicos en Catalán. In Violeta Demonte and Marina Fernández Lagunilla (eds.), *Sintaxis de las lenguas Románicas*. Madrid: Textos Universitarios.
- Rizzi, Luigi (1978) A Restructuring Rule in Italian Syntax. In S. J. Keyser (ed.), *Recent Transformational Studies in European Languages*. Cambridge: MIT Press.
- Sola, J. (1992) *Agreement and Subjects*. Ph.D. dissertation, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Zsabolsci, Anna (2009) Overt nominative subjects in infinitival complements cross-linguistically: Data, diagnostics, and preliminary analyses. NYU Working Papers in Linguistics, Vol. 2. Papers in Syntax, Spring 2009.
- Torrego, Esther (1995) On the nature of clitic doubling. In *Evolution and Revolution in Linguistic Theory*, Hector Campos and Paula Kempchinsky (orgs.), 251-275. Washington D.C.: Georgetown University Press.
- Torrego, Esther (1996) On quantifier float in control clauses. *Linguistic Inquiry* 27–1: 111-126.
- Uriagereka, Juan (1995) Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry* 26: 79-123.